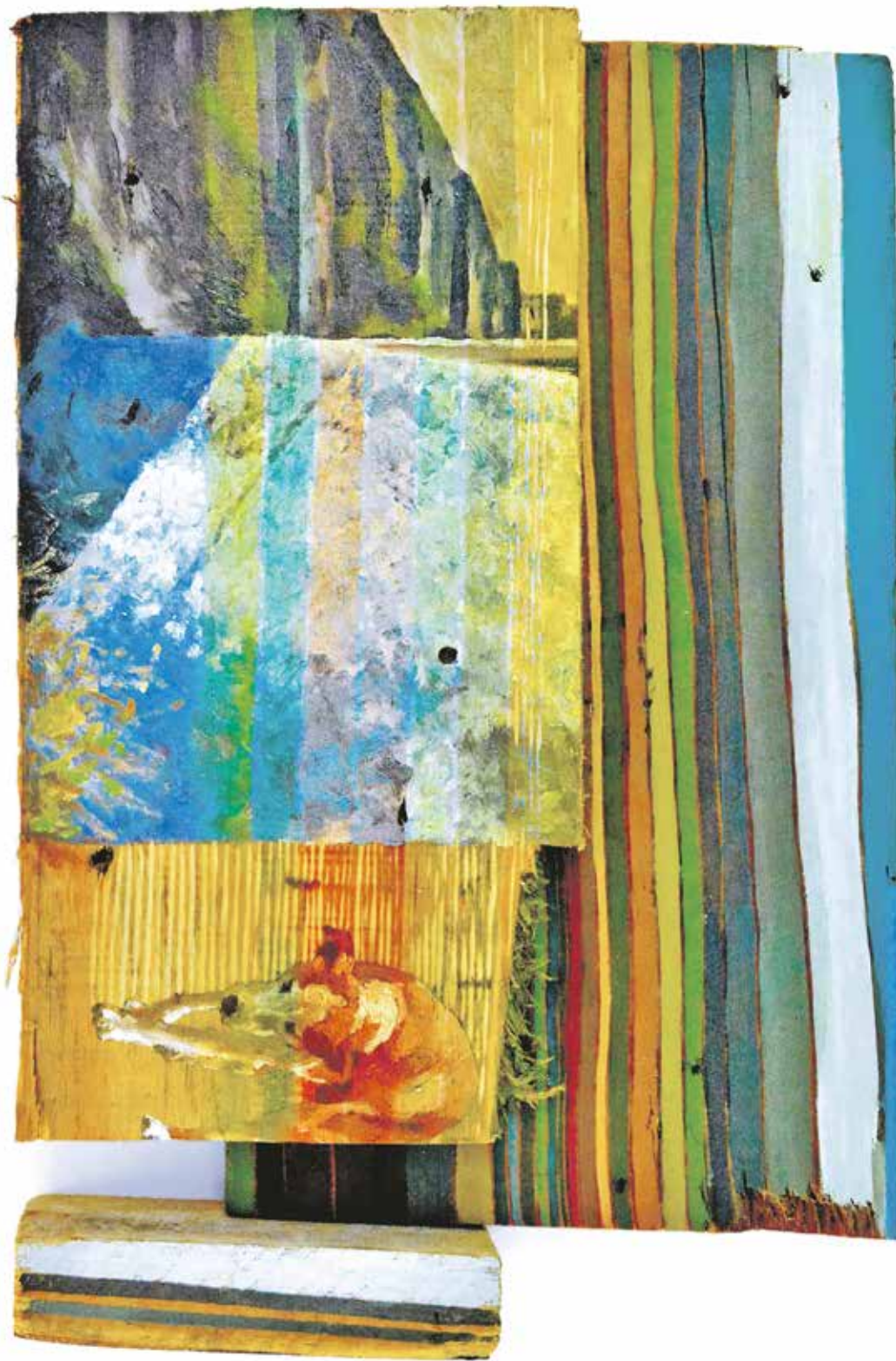




azevedo

...o curioso de uma paisagem é que quando paramos diante dela não sabemos por onde começar...

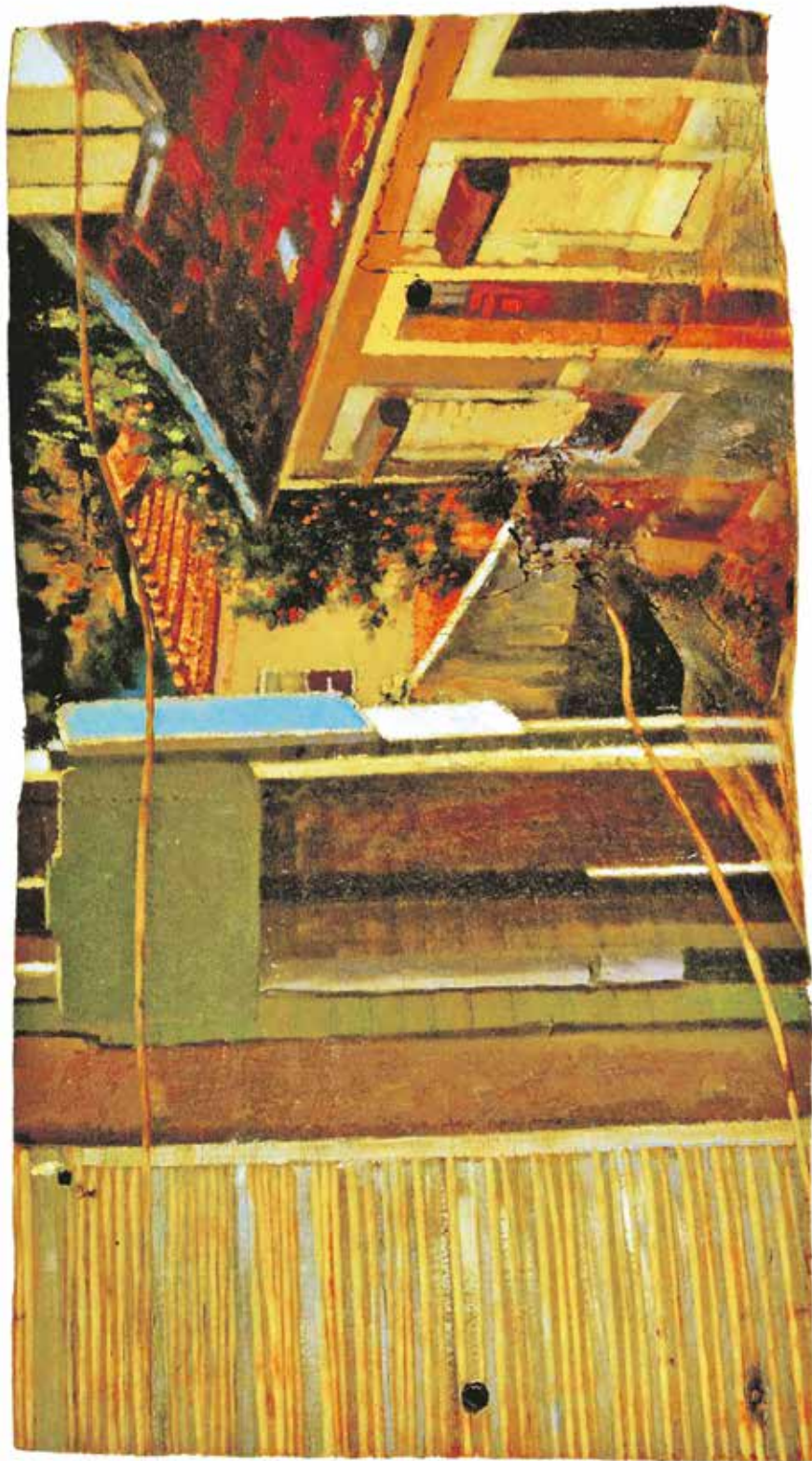
O beco das pedras



A *paisagem* desvenda quem estaciona frente a ela. Ela abre-te os olhos. A *paisagem* também deseja ver e conhecer-te. Aqui há ruas pelas quais um *autocarro* não consegue passar. Aqui há ruas que talvez nem sequer sejam ruas. Quer sejam ruas ou avenidas, ruas ou ruelas, ruas ou vias, uma coisa é certa: aqui há espaços que abrem outros espaços, há caminhos que abrem outras passagens, vias tal como veias, finas, vias pequenas, às vezes extremamente estreitas, mas de extrema importância para o funcionamento deste sítio. Estou diante da *paisagem* agora. Não sei por onde começar. A *paisagem* me oferece caminhos, ela me faz convites, ela sabe que eu posso começar por ali ou por aqui, a *paisagem* não me impõe direcções nem sentidos, a *paisagem* está ali – ela está ali – e pergunta-me: para onde queres ir? Por onde queres começar? No visível da *paisagem* há uma estreita via, bastante estreita, feita de asfalto. Um pequeno carro passaria por esta via sem esbarrar nas paredes e muros que lhe fazem margem. De um lado, um muro baixo com grandes pedras. Do outro, paredes finas, mas firmes, tudo mais ou menos com coloração cinza. No chão, no encontro do asfalto com as paredes e os muros laterais, alguma terra com uma relva por nascer. A relva encontra um jeito de continuar. Numa das laterais desta via, há postes com fiação eléctrica e lâmpadas (que estão apagadas, pois ainda é manhã agora). No alto da *paisagem*, o céu azul e as nuvens brancas. A via estreita quanto mais se aproxima de mim, mais abre e alarga-se. É uma via estreita, é um caminho, eu diria ser quase um segredo. O beco das pedras, assim gosto de chamá-lo. O curioso da *paisagem* é que quando paramos diante dela não sabemos por onde começar. Um livro, por exemplo. Há nele uma capa, deduz-se que a leitura seja feita da esquerda para a direita, que seja preciso passar as páginas e que a numeração delas está ali para ajudar-te a não perder-se: depois do

1 vem o 2 e depois o 3 e depois virá o 4, mas como ler uma *paisagem*? Uma *paisagem* não tem páginas. Onde fica a capa da *paisagem*? Qual é a página inicial de uma *paisagem*? Faz uns meses, quando estive cá por *Azevedo*, a conhecer e a passear por estas ruas, não consegui caminhar por esta estreita via. Sempre que iniciava o trajecto, era surpreendido pelos cães que moram nas casas desta estreita via. Bastava dar alguns passos que eles começavam a latir. E latiam muito alto, a ponto de eu me assustar. Agora, quando olho para esta via, esta estreita rua, esta veia aberta dentro de *Azevedo*, quando olho para ela não consigo deixar de ouvir os latidos. Os latidos fazem parte da *paisagem*. Na freguesia onde vivo é diferente. Lá dorme-se a ouvir o som de carros e *autocarros* que passam pelas ruas ao redor. Aqui não. Cada *paisagem* tem o seu repertório de sim e de não, cada *paisagem* tem seus sons. Há sempre um cão nesta *paisagem* diante da qual estou parado faz alguns minutos, algumas horas, faz alguns dias. Onde estão os cães? Não existe somente aquilo que é visto. Para chegar até aqui, até aqui onde agora estou, é preciso caminhar ou pegar uma boleia. A linha 400 tem uma paragem lá em cima, para descer até aqui, para aqui chegar, é preciso caminhar e digo-te uma coisa: aqui há tão menos poluição, aqui há tão mais árvores, tanto mais ar, aqui em *Azevedo* há tão menos caixotes de lixo. Quando diante de uma *paisagem*, já não se trata mais de saber nem de perceber coisa alguma: a *paisagem* é um convite, a *paisagem* é o mistério colocado ao alcance da vista. O que é visível está além do que se vê; o que se vê vai além e, por vezes, revela mais sobre quem está a ver do que sobre a *paisagem* que é vista. Uma coisa é certa: há mais passagens do que as disponíveis num mapa, mais caminhos do que os caminhos oficiais de uma cidade, há mais vias do que as que vemos. E, sem dúvida, há mais seres para além do ser humano que nos tornamos.

A CONVERSA das janelas



Daquela janela, se eu ali estivesse, por certo, conseguiria ver-te do outro lado. Através daquela janela, mesmo que de olhos fechados, eu poderia ouvir-te. A proximidade dos nossos espaços faz de nós mais do que vizinhos. Não faz? A fruta que cai da tua árvore, ela também despenca no meu quintal. Fruta laranja como um pequeno sol. Ainda assim, as ruas não contam nada. As ruas protegem o nosso sossego. Não quero pisar no mundo, retiro os sapatos, coloco-me na antessala do mundo, não quero ter pressa. Tua telha dá na minha janela, minha janela dá na tua porta, tua porta é para mim como uma estrela no céu. Do laranja das minhas paredes ao amarelo da tua, há o branco das janelas, o cinza de um canto, o verde óbvio das plantas, mas também o verde do teu muro, o muro da tua grande janela, as antenas que estão a contar coisas umas às outras, não temos privacidade aqui, aqui tudo vaza, a começar pelo vento. O vento que abre ruas e avenidas. O vento que faz o som da noite parecer sinfonia. O vermelho da telha do meu telhado. Quando te vejo encostado à janela, meu coração fica ainda mais agitado. Passo outro café. Bem quente. A primavera chegou. Estou à janela, consegues ver-me? Estou à espera de quem possa caminhar por esta rua e levar-me junto roubado na algibeira. Estou à janela, à beira desta janela. E quando o sol vai embora, quando o café esfria, está tudo bem, não te assustes, está tudo bem, é tudo parte do roteiro do dia. Todo o dia acontece mais ou menos o mesmo: o sol, a luz, as ruas, o vento, a vizinhança sendo vizinha. Noutro dia um carro ficou preso entre a minha casa e a tua, vistes? Oh, menino, ficou preso entre a tua casa e a minha! Quem olhasse para cá, de longe, veria que o carro estava tão preso entre as duas casas que pareceria ter nascido ali mesmo, apertado, feito um tijolo grande, um grande bloco de metal nascido no meio de uma pequena rua, juntando uma casa na outra,

a minha rua na rua tua. Não vistes o carro atolado entre o meu muro e o teu? Até marcou, fez uma marquinha, sujou sim, sujou a minha parede e a tua. Boa tarde. Boa noite. Bom dia. Estou faz tempo diante deste par de janelas: quase posso entreouvir as conversas que elas estão a ter. Elas, as janelas. As coisas também dão o seu jeito de conversar, ora. E já que não queres nada comigo, vou elogiar a tua parede. A parede lateral. O muro lateral, isso, o muro cinza. Como é bonito. É giro demais. Não achas? Eu acho. Acho muito. Que muro bonito, nossa, é giro mesmo. Não achas? Sim, sim, sim, um muro muito giro, elegante, cinza, bem concreto! Um muro firme, um muro mesmo, muro muro, muro de verdade. Não achas? Eu acho, acho, acho mesmo. E já é tarde. Já é noite. Já é dia. Outra vez. As pessoas dão vida à *paisagem*. Mas quando não há pessoas na *paisagem*, ainda assim, podemos chamar a *paisagem* de *paisagem*? Com pessoas presentes chama-se *paisagem*? A água está a ferver, vou passar outro café. Mas antes, deixa-me declamar um poema. Esqueci-me o nome do gajo que escreveu, não me lembro muito bem, minha memória está mais velha que eu, mas é algo assim: casas entre bananeiras, mulheres entre laranjeiras, pomar, amor, cantar. Um homem vai devagar. Um cão vai devagar. Um burro vai devagar. Devagar... as janelas olham. Eta vida besta, meu Deus. Queres dizer o quê com isso? Que a minha vida é besta? Ora, não! Que a tua vida é besta? Não, não, é um elogio! Um elogio?! Não achas? Vida besta... Vida besta... Não achas que é um elogio? Ora, sim, ora, não, não tinha pensado como um elogio. Mas sim, sim, pode ser um elogio. Sim, sim, sim, faz algum sentido. É um elogio, vizinha, aceita! Um elogio? Um elogio! É um elogio mesmo? É um elogio sim, um elogio, um elogio à vida calma, à vida besta, um elogio à vida tranquila que a gente vive aqui. Vida calma?! Calma como? Cadê esta tranquilidade que eu ainda não vi nascer?

Tu sabes o que eu ando a passar, sabes? Se alguém olhasse para as janelas daquela rua, não conseguiria ouvir o barulho que elas guardam. As janelas, mais que nós, elas sabem. As janelas sabem de tudo. Elas escutam. Se as chávenas servem o café, as janelas servem a conversa. Elas enxergam, elas ouvem, elas sabem. Está doce, está? Sim, sim. Pegue mais, pegue o quanto quiser, quando quiser, não deixe estragar. Há muitas, muitas laranjas, jogadas sobre o chão. Ouro puro. Tinta solar. Nada permanece intacto, nem mesmo a *paisagem*, mesmo o silêncio está sempre a modificar-se.

Uma chávena de açúcar



A *paisagem* está-me a olhar. A *paisagem* parece ser a mesma da semana passada, mas sinto que ela já é outra. Quando digo "olha lá a *paisagem*", pronto, a *paisagem* já se modificou. A *paisagem* olha-me e penso se é doença contemplar. Contemplaçã, contemplaçã não é doença, acalme-se, fique com ela, com a *paisagem*, não é preciso ter medo. Faço alguma força. Não é que ela queira expulsar-me daqui, talvez ela também esteja com medo, afinal, há um homem parado diante dela já faz quantos minutos? Umas horas, talvez alguns dias. Um homem observa a *paisagem* com dedicada atençã. A *paisagem* talvez pense: há quanto tempo não me olham assim com toda esta duraçã? Eu confirmo: esta calma que te olha, querida *paisagem*, esta calma não é coisa minha. A *paisagem* imprime no olhar de quem a vê a duraçã que a possibilita. Sim, busco palavras para dizer o que sinto ao ver-te: a *paisagem* lança-me noutro tempo onde o relógio não serviria; na *paisagem* fico até escorrer para fora de mim e não ser mais apenas outro homem sozinho. Algumas *paisagens* não têm uma linha do horizonte. Algumas *paisagens* estão acima dele. Algumas sobrevivem ao tempo. As nuvens que passam no céu e através dele, as nuvens vêem a (quase) tudo e a (quase) todos. Elas escorrem, aparentemente lentas, mas são tão velozes. Quando se olha para o chão e, em seguida, volta-se a olhar o céu, as nuvens já não estão a ocupar o mesmo sítio em que estavam antes. E então é noite e a *paisagem* dorme, ainda que acordada. Mas se alguém passasse por aquela via? E se alguém precisasse correr para emprestar uma chávena de açúcar para outro alguém noutro canto? Seria tudo feito no escuro? A *paisagem* faz perguntas, mesmo que não seja possível ouvir a voz que ela tem. Estou diante de um poste de iluminação? Mas não há luz nele. É um poste de iluminação pública? Mas não há luz nele. Postes de iluminação. Luz de rua. Padrão de luz. Não é um antigo candeeiro e mesmo

que fosse não há luz nele. Disseram-me que a iluminação pública era essencial para a qualidade de vida nas cidades. Mas isto aqui não é uma cidade, meus senhores? A iluminação pública é um instrumento de cidadania, por permitir aos habitantes desfrutar do espaço público no período noturno. O agora deste instante já não é o agora daquele céu azul, mas talvez ainda seja o agora daquele início de tarde quando o *autocarro* (este *autocarro*) estava cheio de pessoas. O curioso de uma *paisagem* é que quando paramos diante dela não sabemos por onde começar. O que estão a ver os olhos que moram dentro da *paisagem*? E caso estivessem sem iluminação elétrica, o que veriam? Nem sequer há um ponto de fuga. Para onde fugir? Não há fuga possível. O desafiador de uma *paisagem* é que ela guarda o perigo. A *paisagem* não tem medo dos desentendimentos. A *paisagem* parece saber, ela sabe, a *paisagem* sabe que os problemas, antes de problemas, são parte da *paisagem* da vida. A *paisagem* diz: não há luz aqui. Aqui não há iluminação. Há eletricidade, há cabos elétricos, há um poste feito com madeira, há fios que passam, há uma câmara municipal, um presidente e um vice-presidente, há vereadores, mas não há luz aqui, neste poste não há luz elétrica, diz a *paisagem*. Um senhor cumprimenta-me. Diz-me alguma coisa e eu respondo. Conversamos um pouco, ele quer saber o que estou a fazer ali. Digo-lhe que hoje estou apenas a passear, mas que amanhã estarei a escrever. Escrever amanhã sobre o passeio de hoje? Digo-lhe que sim, digo-lhe que o hoje ontem se chamava amanhã. Ele sorri e balança a cabeça, parecendo confuso. É melhor passear apenas. Digo-lhe que meu passeio é destinado às *paisagens*. Aqui tem *paisagens* muito boas. Concordo com a cabeça. Acredito que a *paisagem* me dirá: ei, atençã, sou uma destas *paisagens* muito boas que aquele senhor disse existir, é aqui – em mim – onde o teu olhar deve pousar e ficar por um tempo. O senhor ri. Imaginamos a *paisagem*

que fala. Ele deseja-me um bom passeio e eu continuo, a balançar a cabeça em cumprimento sempre que passo por alguém que mora dentro desta ou daquela *paisagem*. Um poste com fiação elétrica praticamente engolido por árvores, folhas e caules. De onde sai a energia? Da árvore ou do poste? Sob o céu azul, humanos fazem coisas juntos, constroem até cidades. Sob este mesmo céu, humanos também largam as mãos uns dos outros. A *paisagem* sabe do que estou a falar.

Um mapa

janela
sol
vermelho
a luz, as ruas, o vento

a vida é
besta...

...aqui

janelas
cafés
ouros
tempos
nuvens
a *paisagem* faz perguntas
faz ferrugem

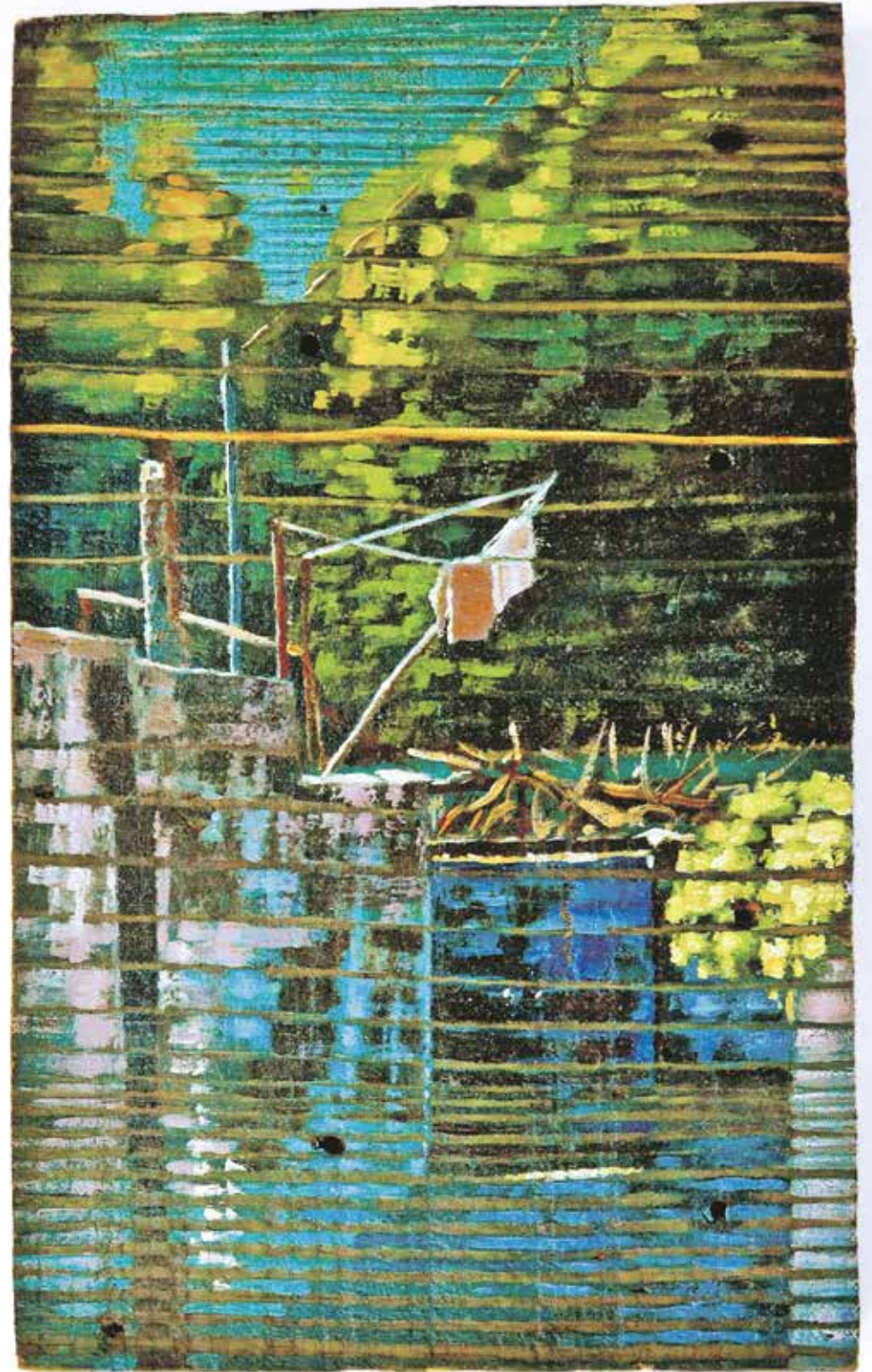
Azevedo

pinta
corpo
desassossego
canção
cavalo

a *paisagem* muda
os latidos não calam



O aniversário da parede

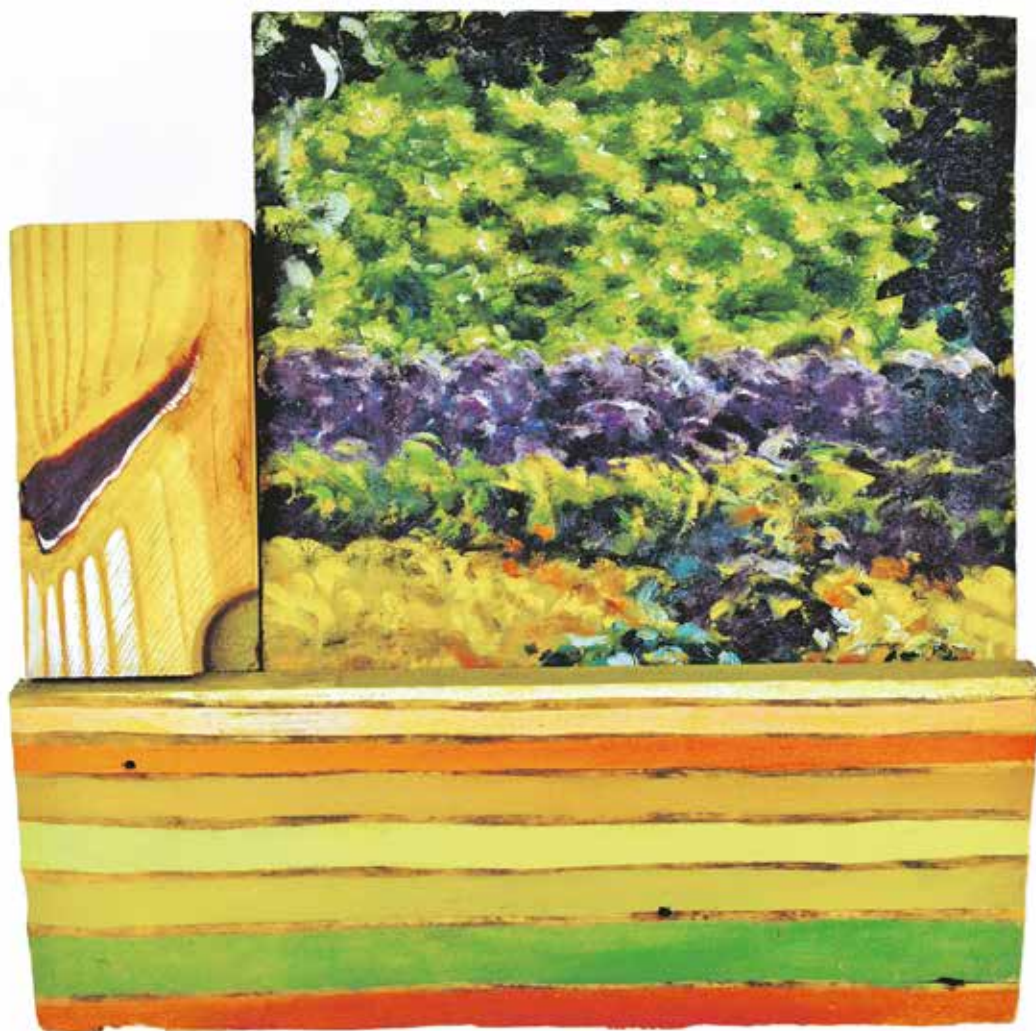


Em dias de primavera, o sol não cessa o seu trabalho tão cedo. É primavera e tal como as flores e folhas, também as roupas no estendal fazem alguma alquimia com a luz solar. Evapora a água, faz-se oxigénio e as roupas secam, no entanto, o que acontece ali que eu não vejo? Suspeito que a *paisagem* seja sobretudo um mistério. Suspeitar é não ter certeza. Suspeito que para acontecer no mundo é preciso tirar os sapatos e meter os pés descalços no bem fundo da terra fofa e húmida. A *paisagem* talvez estranhe: há tempos que não me olham assim com toda esta duração. Lá está um homem parado diante da *paisagem*. Poderia ser apenas um homem parado no meio do dia, mas observem: é um homem parado diante de uma *paisagem*. O homem olha a *paisagem*. A *paisagem* vê o homem. Estão frente a frente. O homem enxerga que o ferro enferrujado tem a mesma cor que a planta. Ele pergunta-se: por que chamamos o ferro de enferrujado e a planta, com a mesma cor, dizemos que tem a cor mais castanha? A ferrugem escapa e escorre pela *paisagem*, a ferrugem pinta tudo. Ali, naquela *paisagem*, o céu amanheceu enferrujado. Os muros desta cidade, faz quilómetros, estão todos enferrujados. A ferrugem, disse um famoso poeta que ninguém conhece, a ferrugem é o amor que nasce entre as coisas e o tempo. O tempo passa e quanto mais aprendemos a amá-lo, mais ferrugem produzimos juntos, mais enferrujados ficamos. A roupa molhada no estendal enferruja mais rápido? E dentro, dentro de um corpo humano, como a ferrugem dorme? Olho, bruscamente, para todos os lados. Sinto-me envergonhado por estar assim parado, já faz muitos minutos, dias, horas, envergonhado por estar parado diante desta *paisagem*. Alguém desconfiado, talvez, possa ver-me aqui parado, telefonar para a polícia e denunciar-me: há aqui em *Azevedo* um homem parado faz dias diante de uma mesma *paisagem*! Estou parado. Daqui onde estou, após

saltar do *autocarro* (linha 400, sempre ela) e caminhar através de algumas pequenas ruas ou vias ou veias, aqui onde estou eu consigo enxergar o estendal cheio de roupas molhadas. A primavera chegou. O sol está incendiário. A roupa seca pendurada no estendal e eu pensando em vestir-me de solidão. Contemplo as roupas ali estendidas e pergunto-me: será que elas reclamam de algo? Será que as roupas têm alguma pressa? Será que elas falam? Será que as roupas gritam ou querem gritar? É que na posição em que estou, parado na rua, observando o estendal dos outros, observando o sol sobre as roupas molhadas no estendal (dos outros), pergunto-me: a semana passada foi aniversário da Catarina, mas e o aniversário desta parede, alguém sabe quando é? Quando foi? Quando esta rua faz anos? E este punhado de plantas? Quantos anos tem esta árvore? Podemos fazer uma festa de aniversário para comemorar a vida deste céu azulíssimo? A tinta do céu, podemos comemorá-la? Podemos comemorar a longevidade desta *paisagem*? Teríamos vida caso não tivéssemos *paisagens*? Perdão, sinto-me emotivo. Acordei com notícias terríveis dos canhões e mísseis. Não consegui conectar-me à vida, fiquei na porta de entrada, eu estou na antessala da vida, a perguntar-me como faz para entrar neste mundo. Como entrar na *paisagem* deste mundo? As plantas sabem bem como entrar. O vento sabe como participar da conversa. O estendal, a ferrugem, as roupas molhadas, todos sabem participar da vida, menos eu, logo eu, eu que sou homem. A última vez em que estive em *Azevedo* não foi a última vez que estive aqui. Miro a *paisagem*. Há formas e cores, volumes e densidades, mas tudo isto é mutante porque o sol existe. Pergunto: o que é a tua cidade? Tu respondes-me: minha cidade é uma tela cujo pintor é o sol. O sol que muda as cores, o sol a mudar os tamanhos, o sol que modifica o peso e as velocidades. Estou diante da *paisagem*: a *paisagem* está diante de mim.

Estamos frente a frente e, no entanto, se a *paisagem* me olha, agora a *paisagem* sou eu. Sou todo muros, cheio de escuros, sou pintado, pequeno e imenso muro rabiscado, sou planta, verdíssimo, tenho em mim traços de amarelo ouro, sou cheio de folhas enferrujadas, árvores imensas ainda mais verdes, estou mais ao fundo, atravessado por antenas e estendal, sou um deles, sempre enferrujado, trago em mim roupas molhadas e muito pesadas. Daqui onde estou e sou, dentro do *autocarro*, parado a uma paragem, vejo um jovem e uma senhora a retirar casacos. Eles estão a aproveitar o sol que hoje nos esquenta a todos. *Azevedo* é Porto, disse-me a senhora ontem. Mas a fala dita ontem ainda amanhã será repetida. *Azevedo* é Porto, eu mesmo direi esta frase ontem. Tu és Porto, *Azevedo*, esta não é a questão. A questão agora parece ser apenas uma: será que o Porto sabe que tu fazes parte da sua *paisagem*, *Azevedo*?

A paisagem nos olhos

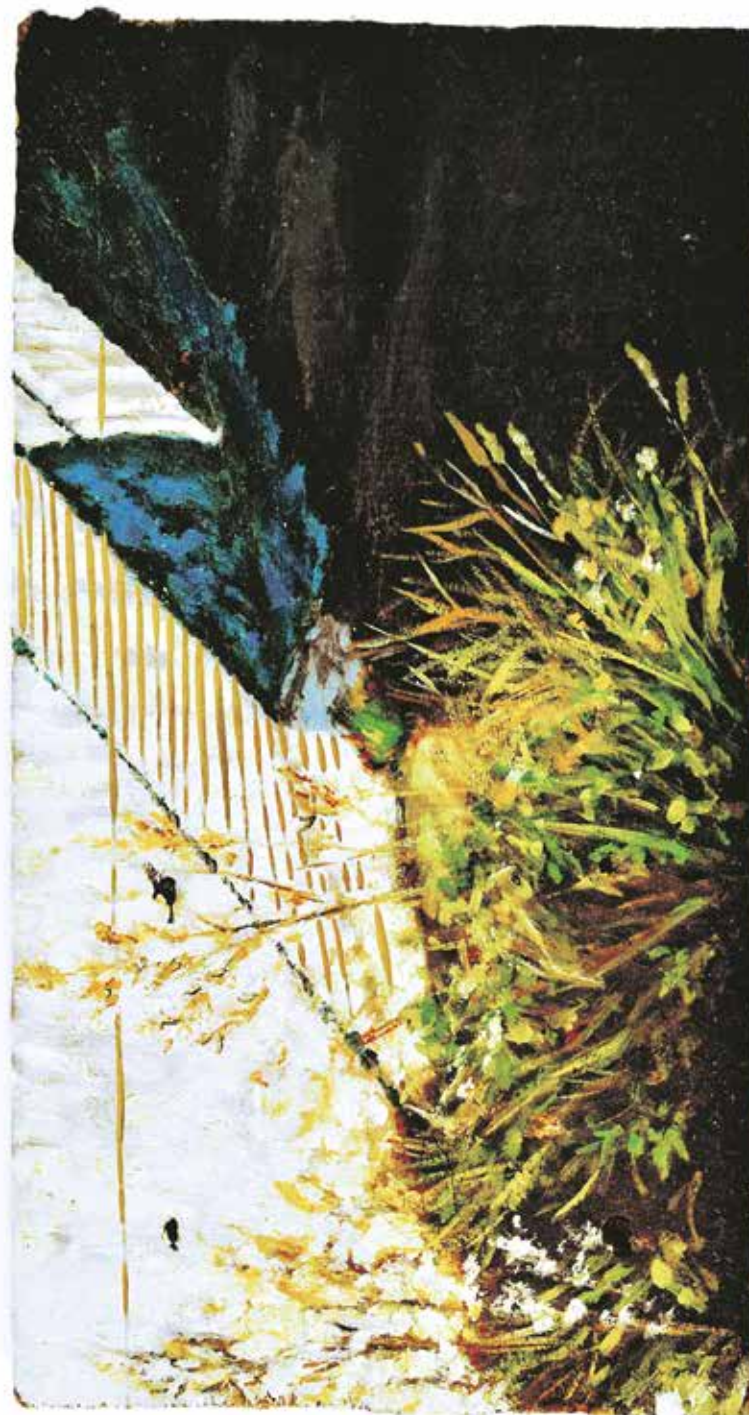


A característica da *paisagem* é estar aí (ou ali). Quando dentro do *autocarro*, olho através das janelas e é como se elas fossem um grande ecrã, só que em movimento. Através das janelas, as *paisagens* em movimento confessam o quanto poderiam ser filmes. Mas já saltei do *autocarro*. Agora a *paisagem* está imóvel sob meus olhos (ainda que esteja cheia de movimentos, eu sinto). É quem ali está, diante de uma *paisagem*, que cria o movimento que se movimenta no interior dela. É quem está ali que liga os elementos que estão dispostos (e disponíveis) na própria *paisagem*; ela não tem pretensão alguma de construir algum sentido que lhe possa ser útil. A *paisagem* existe, a despeito do sentido; a *paisagem* insiste, mesmo que não sirva para coisa alguma. Agora estou dentro de um *autocarro* da linha 400, outra vez. Na ponta dos meus olhos há um mar de relvas revoltas. Sem força, faço força para que a relva vista na *paisagem* continue a habitar meus olhos. Esta utopia é um acontecimento: dentro de um *autocarro*, sentado ou mesmo quando me ergo para saltar na próxima paragem, eu carrego e trago – na ponta dos meus olhos – a *paisagem* que antes havia me dado aconchego. Queria que os seres humanos – mais que palavras – transportassem *paisagens*. Por isso há algum brilho a escorrer-me dos olhos. Vês a *paisagem* que me ocupa? Não gostaria de falar coisa alguma, não quero falar; quero mesmo é que através de mim as *paisagens* possam continuar. Uma senhora está ali, a estender um tapete no estendal. Terá existido algum dia em que o sol não veio? Ela vê-me e pergunta: o que é isso que carregas no olhar, menino? Eu conto-lhe, em voz baixa, que trago nos olhos a *paisagem* pela qual me apaixonei. Digo-lhe que tal *paisagem* foi encontrada ali mesmo, em *Azevedo*. Ela sorri e depois continua a esticar o tapete ao sol. Disseram-me muito sobre ti. Sei coisas sobre ti que não vi de perto, que não toquei, que não li no teu

olhar, coisas que apenas me disseram, coisas que ouvi. E quando chego aqui, *Azevedo*, quando pouso em ti e ignoro temporariamente tudo o que disseram, preciso confessar-te: nunca foi tão prazeroso ficar quieto. Quando o vi pela primeira vez, ele também me olhou. À distância, quando ele me olhou, eu já estava aqui, a olhá-lo. Ficamos um tempo assim, a olhar-nos. Depois ele tirou os grandes olhos de mim e voltou a pastar. Como tornar-se parte de uma *paisagem*? O cavalo sabe, o cavalo sabia. E eu não, eu ainda não sei. Do lado de fora, como quem vê ou vigia, continuo a olhar para a *paisagem* como se eu fosse alguém e ela fosse algo distante. Eu não sei como participar das *paisagens*, sinto-me sempre do lado de fora. Os meus olhos vêem o mundo como um tapete que está sempre ali, à disposição, devidamente colocado sob os meus pés, tapete sobre o qual eu pisaria. Mas eu não quero pisar no tapete do mundo. Não quero pisar no mundo. Retiro os sapatos, coloco-me na antessala do mundo, não quero ter pressa. Eu espero, aprendi a esperar, foram muitas viagens dentro de *autocarros*, muita espera para saltar na devida paragem. O mais bonito do tempo é que ele sabe que é impossível ser o mesmo. Quero ficar quieto e quero ficar mudo, gostava mesmo era de ficar mundo. Quero fechar os olhos para ver se desaprendo a ser humano e aprendo a me tornar mais *paisagem* do que gente. O cavalo olha-me, novamente. Se acaso ele soubesse como é pesado o meu desassossego, talvez me cantasse uma canção. A *paisagem* rouba-me de mim. Estou rendido. Fui saqueado. Sinto-me roubado, alegremente roubado, a agitação que antes eu era, aquela correria que me corria pelas estreitas veias, tudo isso dissipou-se. Estou calmo, rendido, estou calmo, quase bobo, estou calmo, caro cavalo. E ele olha-me, desolha-me, ele olha-me enquanto mastiga o capim verde, ele esquece-me, ele está sempre a ir e a vir, o cavalo não tem medo da *paisagem*, não disputa

nada com ninguém, sabe-se mais mundo do que eu que sou só gente. Olho a *paisagem* antes de ir embora, faço dos meus olhos papéis nos quais a *paisagem* se possa deitar. Deite-se em mim, querida *paisagem*. Escreva sobre mim a tua cara, a tua cor, os teus movimentos. E quando eu for embora, tentarei ser no mundo menos um rosto e mais um campo verde e ameno.

Um lance de escadas



Com quantos degraus se faz uma escada? Com quantos esquecimentos se constrói uma história? E um lugar, um sítio? Do que é feito um sítio? Para além das pessoas, dos degraus, para além do solo, da seiva, do sulco da terra, para além do verde, dos vivos e dos mortos, para além disso, do que é feito um sítio? A *paisagem* dá-nos algumas pistas, mas não podemos saber de tudo, venha com calma, a *paisagem* pede-nos, venham com calma, ela repete: com calma. O curioso da *paisagem* é que quando paramos diante dela não sabemos por onde começar. Diante da *paisagem*, vejo uma senhora a segurar um saco numa das mãos, parada no meio da escadaria, a segurar um saco dentro do qual há muitas laranjas. A senhora aguarda a sua respiração acalmar-se. Enquanto ela volta a respirar tranquilamente, também as laranjas aguardam, pacientes, a hora de virar sumo. A *paisagem* muda. *Azevedo, Azevedo*. Caminhei por ti à procura de uma escada tal como a escada que vi em sonho. Era um lance de escada, apenas um. Era uma escada específica, tinha a cor branca, passei por *Azevedo* à procura desta escada, encontrei algumas, mas não a escada que me chegou naquele sonho. Hoje eu procuro uma *paisagem* tua que, no entanto, não sei se existe em ti ou na minha imaginação. A *paisagem* que vejo em imagens é menos real do que esta que vejo ao saltar do *autocarro*? Desci, subi, descí novamente, fui até lá, virei, dobrei aquela esquina, depois retornei. O sol esteve comigo nestes últimos dias. Estive à procura de uma escada tua, apenas uma, uma escadaria específica: uma série de degraus pelos quais se sobe ou desce, ou despenca-se, escorrega-se, escada abaixo, acima, uma série de degraus sobre os quais se pode também ficar parado (como aquela senhora está). Passei por tuas ruas, pisei nos teus passeios, sentei-me bem rente a um lancil ou outro. Mesmo assim, tu és, *Azevedo*, muito mais misteriosa, muito mais misterioso

do que eu poderia imaginar. Desisti de encontrar a escada, no entanto, ao desistir de encontrá-la acabei por chegar mais longe. Só o amor pode afastar-nos do sofrimento. Tu imaginas uma cena. Tem uma ação principal a acontecer no centro do quadro. É para lá que todo o mundo está a olhar. Mas acontece que nem sempre é no centro do quadro que a coisa está a acontecer. Estávamos na paragem de *autocarro* quando, lentamente, eu virei a minha cabeça e consegui ver um lindo lance de escadas, atrás de um monte de plantas um tanto agitadas. Era lá que morava a tal escada dos meus sonhos. Lá estava a escada: seca, mais branca que suja, degraus lineares, alta e grande, ansiosa e impiedosa. O bonito da *paisagem* é que ela não precisa da verdade. Jamais uma *paisagem* há de desfazer-se da outra por julgá-la de mentira, menor, por julgá-la como uma *paisagem* inventada. A *paisagem* sabe que este mundo é pura invenção. A *paisagem* sabe que é tarefa dela povoar este mundo com outras imagens e imaginações. Fui embora de *Azevedo* sem ter encontrado a *paisagem* que eu gostaria. Peguei o *autocarro*, um pouco triste, é verdade. No caminho, chacoalhando dentro da linha 400 (poderia ter sido dentro deste mesmo autocarro em que estás agora), ponderei ser ingratitude minha querer tanto assim que uma *paisagem* apareça para mim, como se ela estivesse a meu serviço. Ao olhar através das janelas do autocarro, grande ecrã em movimento, as *paisagens* alternavam-se com imensa velocidade. Pensei, solitário com meu caderno, que o bonito da *paisagem* é que nem sequer precisamos de papel e caneta, nem sequer precisamos de olhos para vê-la. Fechei lentamente os meus olhos. No escuro da minha vista, vislumbrei a diversidade das tintas, a overdose dos traços, a sobreposição incessante dos riscos, dos espaços vazios, dos espaços preenchidos, da grande capacidade que uma *paisagem* tem de ser esboço para outros mundos e outras realidades. Ganhei uma

nova amiga, sim, ela, a *paisagem*. Ao deitar-me na cama, já pronto para dormir ou sonhar, quando de olhos já bem fechados, imerso na escuridão, comecei a ver escadas por todos os lados. Escadas por todos os lados.

Publicação desenvolvida no âmbito da micro-história #Centro Cultural Móvel do projeto azevedo.

Autores:

Diogo Liberano (dramaturgia)
João Paulo Lima (desenho)
Sérgio Couto (design gráfico)

Tiragem:

500 exemplares

Impressão e acabamento:

Empresa Diário Do Porto

Depósito Legal:

??????????????



produção:

pele

parceiro:

 STCP

co-financiamento:

 REPÚBLICA PORTUGUESA
 ARTES

 PORTUGAL 2020

 UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

apoio:

Freguesia de Campanhã

